



O MAGO

Peça em 2 atos, de Gabriel M. F. Gubert

Sinopse: Um jovem deus chamado Hermes está abarrotado e infeliz com seu trabalho de levar recado dos deuses para os mortais e outros deuses. Ao tentar se livrar de suas responsabilidades ele encontra em uma xamã taróloga a possibilidade de trocar de lugar e experimentar a vida como humano e ela como mensageira dos deuses. Ele se diverte em sua vida nova terrena até que se apaixona por um poeta roqueiro insatisfeito e chateado com a vida humana percebe o erro que cometeu, enquanto Iris, a nova mensageira de Deus, percebe que o Olimpo não é tão divino assim e que seu regime beira ao quasi-fascismo.

PERSONAGENS:

Ana

Hermes

Livro (VOZ)

Hera

Triptólemo

Iris

Moira Moça

Moira Mãe

Moira Sábia

Dylan

Zeus

Percussionista/Batuqueiro

Mulher 1 do Olimpo

Mulher 2 do Olimpo

Mulher 3 do Olimpo

Dionísio

Afrodite

Atena

Taxista

Coro

Ninfas e Ninfos

Pajem do Olimpo

ATO 1

Cena 1 – JU DO BAIRRO

(Tudo preto, luz na personagem inicial, Ana.)

ANA

Eu peço licença ao Exu, Laroyê!

(Ana se ajoelha e começa a rezar.)

ANA

Por favor, guardião dos mundos, ouça bem o meu pedido!

(De repente há uma grande ventania e trovões, as luzes piscam, o palco fica novamente na escuridão até que a música, agitada, acompanha o piscar das luzes e há fumaça. Da fumaça, entra Hermes.)

HERMES (olhando para Ana e sua pequena oferenda)

Acho que um ebó e uma ave-maria não é bem o que eu esperava.

ANA

Ah! Meu Exu!

HERMES

Quase. Mitologia errada.

ANA

Quê?

(Hermes da uma risadinha.)

ANA (puta da vida)

Quem é você então?

(Música agitada de novo, todo aquele escândalo no palco até que Hermes faz um gesto com a mão para interromper tal escândalo.)

HERMES (para quem controla o palco)

Chega, minha deusa! A entrada já foi. (olha para Ana) Desculpa, menina, ela exagera. Eu-sou... Hermes!

(Pausa. Pausa essa que Hermes claramente esperava uma reação que Ana não cumpre. Não sendo reconhecido nem por face nem por nome, Hermes fica indignado.)

HERMES

Agora é assim, só querem saber de Exu. (vira pra Ana) Eu já vi isso antes, sabia? Humpf. Nem vou entrar em detalhes. (vira para a plateia) Sim!, Hermes!, o verdadeiro e único Mensageiro dos Deuses. Bom... (olha pra Ana) pelo menos o único a te atender.

(Ana se levanta, decepcionada.)

ANA

Então você não é o Exu?

(Hermes faz que não com a cabeça.)

ANA

Ué, e você serve pra quê então?

(Hermes imediatamente dá risada achando que é uma piada. Não é.)

HERMES (sério)

Escuta bem, mocinha. Eu existo desde antes do início dos tempos e se você quer saber todo Exu passa por mim! Pois é! Ou você acha que Exu nasce criado? Exu também tem mãe, viu?! E... bom...

(Ele olha pra uma bolsa que usa por detrás de seus robes e tira um livro grande e surrado de dentro.)

HERMES

Eu tenho que explicar né... é que seu Exu, bem, ele tá, tipo assim..., de férias...

(A menina estranha.)

ANA

De férias?

(Hermes abre o livro e lê uma página...)

HERMES

Isso, de férias... de você.

(Pausa. Ana fica confusa, depois brava, se levantando de onde estava rezando e se aproximando de Hermes, que até dá uns passos pra trás.)

ANA

De mim?! Mas por que? Que que eu fiz?

(Hermes suspira, se movimentando de lá pra cá, impaciente.)

HERMES

Você chama ele pra tudo, po. Eu to checando o registro aqui e só nesse mês foram 7 oferendas. Ninguém gosta tanto assim de farofa, meu bem.

ANA (na defensiva)

Mas, ué, oras, eu achei que.. que podia, já que...

(Hermes senta-se e pega a garrafa de bebida do ebó, o prato de argila da oferenda.)

HERMES

Poder, pode né, mas o que é tão urgente pra chamar Exu desse jeito?

(Ana encara Hermes enquanto ele bebe da garrafa.)

HERMES (bebendo)

Não vamo desperdiçar conhaque bom, huh? (dá risada.)

ANA

Hermes? É isso? (ele acena que sim) Hermes, me ajuda, tá tudo dando errado... meu namorado..

HERMES (acenando com a cabeça)

... tá te traindo.

Pausa.

ANA

Quê? Não, não, não e isso.

HERMES

Oxe, é sim. Tá bem aqui...

(Hermes pega o livro que tinha deixado de lado pra beber e o abre de novo.)

HERMES (lendo)

“Ana Ferreira cujo namorado, Luís, tem um relacionamento paralelo com...”, que letra é essa? Tô falando, a letra dos profetas de hoje em dia tá pior que de doutor...

(Ana interrompe, irritada.)

ANA

Fala logo, porra!

(Hermes olha pra ela e levanta, vitimizado.)

HERMES

Se você acha que é assim que se trata uma entidade divina, menininha, você tá completamente enganada. Você acha que eu preciso estar aqui? (sério) Que eu gosto disso? Por causa de que, um conhaquezinho? Ah-há-há. Eu não vou..

ANA (interrompendo)

Oh, Hermes, mensageiro supremo dos Deuses, peço-lhe perdão por minhas palavras irremediavelmente rudes.

(Ela se ajoelha aos pés do grego. Hermes toma mais um gole do conhaque, acenando com a cabeça enquanto Ana beija seus pés e suplica.)

HERMES

Tá bom, tá bom! (ela ainda se lamenta) TÁ BOM, MENINA! Vai pra lá vai. Vai. Mais longe. Um pouquinho mais. Aí, tá bom.

(Ela olha expectante pra ele, e ele sabe disso, mas mesmo assim pega um maço de cigarro da bolsa e acende um.)

HERMES (fumando)

Um humano uma vez me disse que no papel higiênico dele saía sangue, e, nas palavras dele, ele tinha esperança de que isso fosse um problema de hardware, não de software. RÁ! Não é gozado?

(A menina faz que não com a cabeça, gesticulando que não entendeu.)

HERMES

Hardware... seria o... ah, deixa pra lá! (joga cigarro) Que foi ein?

ANA

O que você disse. Leu. “Um relacionamento paralelo com...”

HERMES

Ah. Deixa eu ver. E você vê se fica calma.

(Hermes abre o livro surrado mais uma vez.)

HERMES

“Um relacionamento paralelo com... Ju.”

(Som de decepção.)

ANA

Ju? Que merda de Ju é essa?

HERMES (olhando no livro)

Que merda de Ju é essa, que merda de Ju é essa... ahmm.. aqui! Ju do bairro!

ANA (confusa)

Do bairro? Que Ju do bairro é essa? Não tem nenhuma Ju, Oh! Hermes!...

HERMES

Calma, não precisa disso mais. Vamos lá, pense... pense direitinho...

Pausa.

ANA

Não tem Ju no bairro! Não tem!

(Hermes suspira. Sabe o que tem que fazer. Pega o livro de novo.)

HERMES

Não tem, né? Vamos ver então... “relacionamento, esse, que começou após Ju comprar uma moto Honda para Luís.”

(Ana pensa, e pensa, e Hermes se controla.)

ANA (confusa)

Não, não.. A moto foi ele mesmo que comprou.

(Hermes procura o cigarro que tinha jogado uns momentos atrás antes de falar e, quando acha, começa a fumar. Ele olha pra ela como se fosse a primeira vez, como se ele já havia dado as peças e ela não conseguiu montar o brinquedo.)

HERMES

Ele mesmo que comprou? Foi simplesmente lá e comprou?

ANA

Claro! O amigo dele fez o financiamento porque o Luís tá com nome sujo, aí o Juliano emprestou o nome, mas quem paga é o Luís.

HERMES

Ta-dá!

(Ana ainda está confusa, não entendendo o óbvio.)

HERMES (quebrando o decoro e encostando nela)

Amiga, pensa bem, vai.. o amigo Juliano?

ANA

É, o Ju... (estupefata) Ju do Bairro!

(Ana sai correndo chorando e gritando de raiva. Enquanto Hermes acaba seu cigarro e guarda seu livro e seu novo conhaque, a música do começo e aquele estardalhaço recomeça e tudo fica preto, exceto pela cara dele.)

HERMES

RECADO DADO!

--

CENA 2 – O Livro e Os Recados

(O palco apaga e a música é uma batida de atabaque, luzes brancas piscando. depois do primeiro recado dado seriamente, Hermes corre pelo palco por entre anônimos dizendo o final do recado e rapidamente dizendo recado dado, recado dado, recado dado até que ele grita frustrado e irritado e joga o livro no chão)

Hermes indo de pessoa em pessoa que estão em fileiras dando recados. Os primeiros nós ouvimos os recados e, assim que são dados, as pessoas que recebem os recados caem pra trás num movimento coreografado e vão saindo do palco após cada recado.)

HERMES

“Seu marido morreu, mas ainda há um grande amor a se viver no seu caminho”

HERMES

“Tão acusando seu pai disso mas pensa bem... ele não é culpado”

HERMES

“Sua vergonha um dia será motivo de orgulho na sua vida”

HERMES

“Não tem nada lá! Para de procurar!”

(E aí torna-se uma coisa meio apressada onde Hermes vai indo de fileira em fileira sussurrando recados e escrevendo e lendo no livro, um atrás do outro. Hermes finalmente para e ensaia acender um cigarro e aí o grande livro gasto de Hermes treme na mão dele e começa a soltar uns grunhidos com uma voz forte)

LIVRO

Escreva em Mim!

(Ignorado, continua)

LIVRO

Escreva em mim! Escreva!

HERMES

Calado! Você não manda em mim!

LIVRO

Escreva!

(Hermes joga livro no chão)

LIVRO

Ai. Cusão.

HERMES

Você que fica...

LIVRO

ESCREVAAA!!!

(Hermes desiste pega o livro e escreve.)

HERMES

E aí?

Livro fica quieto.

HERMES

Pff. Homens.

(Transição de música e cenografia com o coro indo de lá pra cá, coreografados numa fanfarra. O palco é dividido em dois: à esquerda o espaço de Hermes dando recados e depois ao lado de uma porta à direita onde durante esse tempo todo ficou uma mulher elegante (Hera) sentada em uma espécie de trono lendo um livro. Ao chegar perto dela é interrompido por um pajem, Triptólemo.)

TRIPTÓLEMO

O síndico não tá.

HERMES

Não vim pelo síndico. Vim por Hera.

HERA

Deixe-o entrar, Triptólemo.

(Ela está lendo Zorba, o Grego, imita papagaio do livro.)

HERA (gritando)

Canavaro, Canavaro!

(E dá uma risada alta de deboche. Hermes ajoelha-se aos pés da mulher.)

HERMES

Por favor, Hera. Fale com ele. É demais pra mim. Converse com Zeus, talvez um ajudante, um assistente, não sei

(Ela, posturada, apenas olha para Hermes sem tirar atenção do livro.)

HERA

Faça a melhor decisão por si mesmo, não pensando no que o papai vai pensar. Você é.. preguiçoso, procrastinador, desorganizado. Não me envergonhe que até do meu leite você tomou. Você me tem em você. Seja... hermético.

HERMES

Hermético? Mas...

(Hera fecha o livro impaciente.)

HERA

Ter que me repetir me enjoa! Vá!

(Hermes se levanta e sai do palco.)

--

CENA 3 – A Xamã

(Iris preparando seu gear, seu setup de youtuber, colocando uma música de flautas no background, acendendo um Palo Santo com um mini-maçarico, sentando-se na frente da câmera e o microfone, ligando a câmera, Iris liga a ringlight atrás de seu celular preso em um tripé.)

IRIS

Olá, coletivo! Aqui quem fala é a Xamanista Urbana e vamos fazer mais uma leitura geral. Lembrem-se: se ressoar pega para si, se não ressoar deixe de lado. Como sempre vou tirar as primeiras terceiras cartas pra ver sobre o que estamos falando.

IRIS (tira uma carta)

O Mago.

IRIS (mais uma carta)

O oito de paus.

(Ela suspira antes de tirar a terceira, e assim o faz.)

IRIS

O julgamento.

(Ela suspira de novo e desliga a ringlight e a câmera.)

IRIS

Pode entrar, meu amigo.

(Hermes entra dos fundos)

HERMES

Estragou minha entrada, como sempre.

(Ela levanta, abraça ele e vai em fogão, onde coloca água numa chaleira.)

IRIS

Chá de gengibre, quer?

(Ela fala enquanto a água ferve e ela acende um incenso.)

HERMES

Pra quê isso?

IRIS

Você sabe pra quê.

(Hermes faz gesto de ‘não entendi’.)

IRIS

Mamãe ensinou a não ir em mandinga de ninguém..

HERMES

E eu lá faço mandinga?

(Ela sorri.)

IRIS

Você é uma mandinga ambulante.

HERMES

Orra. Doeü.

IRIS

Um beijinho pra sarar. (manda um beijinho no ar).

IRIS

Senta, espera o chá.

HERMES

Não não, trouxe um conhaque.. (sentando-se) eu tô cansado, Iris! É um recado atrás do outro, é Deus pra humano, humano pra humano, outro dia dei um recado para um cavalo! Imagina só, um cavalo! É abuso do trabalhador isso! E pra quê? Pra preencher a planilha da labuta? (puto) Hipócritas!

IRIS

Eu bem queria poder viajar assim, saber dos segredos e das tramas, não reclame tanto, amigo.

HERMES

Sabe o que eu queria? Transar! Dormir! Sei lá.. peidar e gostar do cheiro. Comer um estrogonofe com batata palha no domingo na casa da sogra, ter uma sogra! Já pensou?, chorar assistindo um filme de cachorro, aqueles que te pegam, mas eu nunca tive cachorro então como vou chorar quando o cachorro é claro que morre no final?, ficar bêbado de verdade e vomitar na rua, chorar no metro, fazer e perder amigos por motivos tolos, pegar trânsito na estrada., eu quero dormir por horas e horas e acordar apressado e aí me tocar que é minha folga. sei lá.

(No palco um barulho de epifania e luzes na cara de Hermes.)

HERMES

Vamos trocar. Iris, vamos! Vamos trocar! Eu conheço quem pode fazer isso! Não é a primeira vez que acontece!

IRIS

Trocar? Trocar o que?!

HERMES

De vida! Eu viro humano, você deusa. Eu serei, e você vai ter o acesso que quer! E eu vou fazer... o que você faz.

IRIS (pegando o chá e servindo Hermes)

Parece um pacto que você quer. Eu sou bem resolvida, tô bem. O canal me dá dinheiro.

HERMES (irritado)

Pensa, xamanista! O que você tira disso tudo? Me fala, qual é o lucro dos profetas, minha amiga? Pense bem. Pense nos que já foram assim, do seu jeito. E o outro lado? E eu? Eu quero saber. Você não quer?

IRIS

Muita hora nessa calma.

HERMES

Ah, vá, eu sinto de longe a sua vontade! Não precisa me impressionar ou se fazer de difícil. Você é louca pra ver o outro lado.

(Iris bebe seu chá. Três batidas de tambor.)

IRIS

Tá. Eu não tenho que fazer coisa alguma pra trocar, né? Sacrificar um bicho, sangrar, sei lá, não sou dessas.

HERMES (sorrindo)

Tudo que a gente precisa é de uma boa conversa com as maiores conversadeiras do universo! Bora lá?

IRIS

Termina seu chá.

(Hermes toma um gole de sua xícara.)

HERMES

Vai ou racha?

IRIS (sorriso)

Vambora!

--

Cena 4 – As Moiras

(Tudo escuro e barulho de asas, a luz intermitente no centro do palco. Hermes entra, cuidadoso)

HERMES (sussurrando)
Odeio esse lugar.

*(Tudo fica preto e risadas maníacas
Uma moira – MOÇA - aparece e a cara dela é iluminada.)*

HERMES
Olá, Moça.

(Desaparece. Aparece a Moira Mãe do meio do palco.)

HERMES
Mãe.

(Desaparece. Aparece a mais velha, Moira Sábia, do canto direito.)

HERMES
Sábia. Como vai?

- ➔ Moça, Mãe e Sábia
- ➔ São todas trans/genderfuck/não-binárias

(O palco é iluminado e vemos a configuração das três:

- *Moça sentada encarando um vaso de flores. “São perfeitas... são minhas”
Batuque.*
- *Mãe batendo massa de pão numa mesa, suja de farinha, pensando alto enquanto amassa a massa: “...e o bolo de laranja, isso, aquele lá. Se eu colocar o melado em cima todo mundo vai gostar, é é, o melado ninguém recusa.
Batuque.*
- *Sábia fumando um cigarro atrás do outro jogando paciência com um baralho: “mas que cacete, eu quero um ás! Cadê meu ás?
Hermes dá um pigarro tentando chamar atenção.)*

HERMES
Vocês sabem o porquê eu tô aqui. Eu quero trocar.

MOÇA
“Não arruma nem o quarto”

MÃE
“Nunca amou...”

SÁBIA
“Mas vai! Rá! Aí quero ver”

(Confusão, radiofonia com as vozes delas dizendo 'Vai que vai! Agora Vai! Não pisca se não vai perder!')

HERMES

E então? A humana aceitou.

(As três imediatamente param o que estão fazendo e há uma onde Hermes começa uma transição rodando e rodando e o som alto de batuque e uma leve dissonância de guitarra elétrica.)

-

CENA 5 – O ROCKEIRO E SUA MUSA

(Dylan está sentado em um sofá com sua guitarra e fazendo anotações em um caderninho numa mesa de centro. Ele tenta ensaiar acordes mas parece insatisfeito.)

DYLAN
Mas que droga!

(Apaga a luz. Tudo no breu.)

DYLAN
E ainda acaba a luz! Cidade da desgraça! *Jesus Christ*.

(A luz volta e Hermes está sentado do seu lado, Dylan grita de medo e Hermes também grita, assustado.)

DYLAN
Quem é você?

HERMES
Eu eu.. Hermes mas... Eu não sei cara eu realmente não sei... (pegando o livro.)
Qual seu nome?

DYLAN
Dylan.

(Hermes examina o livro.)

HERMES
Não tem Dylan nenhum aqui.

DYLAN
Quem é você caralho?

(Hermes levanta e olha pra trás, barulho de cidade.)

HERMES
Nova Iorque.. mas que merda! Aquelas cacuras, eu juro...

(O roqueiro faz um barulho de que não entende. Hermes explica quem é.)

DYLAN
Ah. E qual é o recado?

HERMES
Mas você é lerdo né? Não tem recado, me empurraram pra cá. Que é que você tá fazendo? Só pra eu entender.

DYLAN (sentando-se com a guitarra)
Eu to preso nessa maldita música!

HERMES
Ah. Rock and roller? Eu sou mais do batuque mesmo. Samba, man!

DYLAN
Não sou tão descolado como pareço. Perdi meu rock.

HERMES
Como assim, perdeu seu rock? Um rockandroller sem sua certeza de subversão não é nada!

(Dylan tira a guitarra do colo.)

DYLAN
Como eu posso ter certeza de algo se todas as vezes que eu tive certeza foram infundadas? Você sabe o que isso faz com um homem? Minhas palavras me traem. Quem eu culpo? Minha mãe, meu pai, os Deuses?...
Eu saio, à noite, entre as ruas e os lazarentos mas... nada. Nunca encontro nada. Antigamente, a noite me sorria e me presenteava. Agora não mais. Ela já não gosta mais de mim. (olha direto para Hermes) Não é de partir o coração?

HERMES (sentando-se)
Eu sei do que você precisa. Você precisa é de uma musa!

(Eles conversam um pouco enquanto o atabaque com uma guitarra toca aos fundos. Mencionam os blues, o sopro de Nova Orleans, bandas, tudo isso enquanto o coro faz uma coreografia num crescendo de batuque. De repente, silêncio.)

HERMES
Sua cara é tão.. beijável!.. Posso?" – Batuque volta.

DYLAN
Que? Não!

(Pausa no batuque.)

DYLAN
..quer dizer, tudo bem, é que eu não gosto de...

(Hermes ataca e dá um selinho nele. Ele, com a guitarra em mãos, começa a cantar acompanhado de uma melodia melancólica:

DYLAN (cantando e tocando)
“...and the night breaks my heart
Every time, before the sunrise
She insists on Breaking my heart...”

DYLAN

... é, acho que ficou bom.

(Repete a melodia e a letra. Fica visivelmente satisfeito.)

Dylan
Ficou é muito bom.

(Pausa. Epifania do Rockeiro.)

DYLAN
É Você! Minha musa!

HERMES
Como é que é?

DYLAN
Seja você minha musa!

HERMES (pensativo):
Mas.. musa? Que nem Eurídice, Calíope?

DYLAN
Isso.

HERMES
A história delas não é muito boa, não é?

DYLAN
Mas eu cuido de você. Eu juro que sim, eu cuido!

(Hermes levanta-se, guardando o livro.)

HERMES
Já sei. Depois eu volto.

(Pausa. Hermes soca um beijo na bochecha do Rockeiro e as luzes brilham e apagam.)

--

CENA 6 – A TROCA

(Batuque, trovões e Hermes está com Iris no local das Moiras, que estão todas com holofotes nelas.)

MOÇA
Vem cá, menina.

MÃE
Tá com medo do que?

SÁBIA
Vem logo.

(Iris caminha até Moça.)

MOÇA (aponta as flores)
Tá vendo? São minhas. Me fala o porquê.

IRIS
O porquê? O porquê de que?

MOÇA
Por que são minhas?

(Iris dá um suspiro tenso. Olha as flores e olha pra Moça.)

IRIS
Acho que... as cores, a delicadeza, elas são..

(Iris hesita. Moça acena com a cabeça.)

MOÇA
Continua!

IRIS
São.. são... imaculadas!

(Moça dá um gritinho de satisfação.)

MOÇA
Gostei dela, Hermes! Gostei, gostei!

(Hermes e Iris caminham para o centro do palco onde está Mãe.)

MÃE
Me dá o livro, Hermes.

(Hermes tira o livro da bolsa e dá pra Mãe. Ela abre o livro em uma página, dá uma pena pra Iris)

MÃE
Escreva.

IRIS
Escrever o que?

MÃE (rindo)
Não importa o que. O que importa é a forma.

(Quando Iris pega o livro nas mãos, as luzes do palco dançam em cores. Ela escreve e depois mostra pra Mãe.)

MÃE
Seu 'E' tá muito floreado mas.. mas eu gostei. Gostei. Pode ir.

(Iris caminha até Sábida com seus cabelos grisalhos/brancos. Sábida, como se fosse um truque de mágico, estende seu deck de baralho pra ela.)

SÁBIDA
Tire uma carta.

(Iris gesticula pra pegar a carta e Sábida afasta o deck dela.)

SÁBIDA
Calma, garota. Cuidado, agora.

(Estende o baralho de novo, Iris suspira e lentamente tira uma carta.)

SÁBIDA
E então?

IRIS
O que?

SÁBIDA
Qual a carta, garota?

(Iris olha pra Hermes sem saber se deve falar. Ele acena.)

IRIS
Um ás de paus.

SÁBIDA
Um ás? DE PAUS?

(As Três Moiras começam a sair de seus lugares fixos e começam a entoar um canto, e enquanto isso o coro tira a bolsa e o livro de Hermes e coloca em Iris.)

Hermes é puxado pelo coro como se estivesse sendo sugado daquele lugar, do palco. Nesse meio tempo, Mãe dá o livro e a bolsa de Hermes nas mãos de Iris. As luzes viajam por todo palco, todas coloridas, o arco-íris.)

--

CENA 7 – ZEUS

(Hermes no quarto de Íris, que agora é seu, fumando e se coçando e se masturbando.)

Três trovões poderosos, raios, vento, luzes piscando. Zeus aparece, vestindo um terno tosco e uma coroa na cabeça.)

HERMES (se aprumando)
Pai!

ZEUS
Pra você agora é só Zeus mesmo.

(Momento de tensão. Hermes só está de cueca, quarto uma bagunça, garrafas de bebidas e cinzeiros.)

ZEUS
Foi pra isso que você fez esse grandíssimo caos? (trovão)

HERMES (irônico)
Você, falando de Caos?

(Zeus dá uma risada forçada e maligna, projetada e ecoante. Um trovão poderoso que assusta Hermes, que se levanta de prontidão.)

HERMES
Por que isso?

ZEUS
Porque, caro Hermes, você tá fodid....!

(Luzes se apagam e um grande som de bongo é ouvido).

FIM DO ATO 1
--

ATO 2

CENA 1 – Iris e os Deuses – O Olimpo

(Palco escuro, ilumina no centro onde há um homem com percussão, batucando. Começa a batucar e ouvimos as vozes das Moiras entoando “O Canto das Três Raças”. Aí, três pessoas do coro trazem três bandeiras manchadas de sangue, uma por vez: a do Brasil (som de um tiro), a do arco-íris (som de um grito) e a das trans (som de sirenes e luzes de polícia).

Ilumina.

Começa barulho, atores entrando em cena montando “O Olimpo”. Deuses andando pelo Olimpo, que tem uma vibe de cortiço/favela com povo mexendo nos varais, gritando um pro outro, andando com roupas simples e de chinelo, etc.

As ninfas semi-nuas com folhagens de roupa passeando, mulheres e homens nos varais de roupa, uma placa em um estabelecimento escrito Boteco do Bacco, deuses reunidos nesse boteco conversando, uma bagunça harmoniosa, uma tal esquina do Brasil. Grafites, pichações, baderna falada e coreografada, fios de eletricidade enrolados nos postes.)

Frases gritadas:

MULHER 1

“Narciso! Sai daí moleque!”

MULHER 2

“O Horestes não voltou ainda? Diacho!”

MULHER 3

“Fala pra Perséfone que hoje não dá pra descer, impossível! Ahn? Ah! Foda-se o marido dela! Oxe!”

(Iris entra em cena, olha ao redor e vai até o Boteco.

Dionísio com um pano no ombro servindo os deuses em uma mesa.)

DIONÍSIO

Olha lá a nova mensageira! ÊPA! Bem-vinda!

O CORO INTEIRO DO OLIMPO GRITA: BEM-VINDA!

(Uma mulher linda com cabelos enfeitados de flores está na mesa e puxa conversa com Iris. É Afrodite.)

AFRODITE

Senta, bella! Linda, você.

(Iris apruma sua bolsinha e humildemente senta-se. Dionísio se aproxima com um copo e uma garrafa e serve ela.)

IRIS

Eu vim coletar recados. Você é Afrodite, né?

(Afrodite acena que sim.)

AFRODITE

Não tenho recados, coisa linda. Sabe, as ninfas que eu cuido às vezes precisam de...

Dionísio interrompe.

DIONÍSIO

Caramba, Dita, a moça acabou de chegar! Deixa ela dar um trago pelo menos!

AFRODITE

Mas você é aparecido, né? (vira pra Iris) Tenho um recado pras ninfas e pros ninfos, é pra todo mundo ficar longe de Dionísio! (vira-se pro bendito) HÁ! Agora que vamos ver.

(Dionísio dá risada, Iris dá risada e ensaia falar, mas é interrompida por um pajem que aparece e grita: “Olha o síndico!”. Movimentação rápida, todos se escondem em suas moradias e no Bar do Bacco e Zeus aparece com Atena ao lado.)

ZEUS

É... quando o gato sai né.

(Zeus vira-se pra Atena, que carrega uma espada.)

ZEUS

Atena, comece com Dionísio. A maior parte tá lá mesmo.

(Atena caminha até o boteco e aponta sua espada para a porta.)

ATENA

Sob a espada da Justiça Maior do Olimpo, demandando que abram-se as portas!

ZEUS

Tão formal..

Só sobrou Iris.

ZEUS

Você. É, você mesma. A nova mensageira, hein?

(No meio disso Dionísio abre a porta amedrontado e começa a fazer um poema elogiando Atena e Zeus enquanto o síndico conversa com Iris)

ZEUS

Já sei.. O Olimpo não é bem o que você pensou, né? Mas ah! Já tivemos dias de glórias, palacetes, ordem e progresso.

(Iris olha ao redor, o som dos murmúrios)

IRIS

Por que eles sumiram?

ZEUS

Porque são salafrários e não querem pagar.

IRIS

Pagar? Pagar o que?

ZEUS

Ué! O aluguel, é claro!

(Iris parece perdida.)

IRIS

Desculpa, mas.. aluguel pra que?

(Zeus olha pra ela e dá uma risadinha irônica.)

ZEUS

Aluguel pra viver, mensageira. Se não pagar, aquela ali crava a espada da inexistência.

IRIS

Mas... eles não são seus filhos?

ZEUS

Alguns filhos. Sobrinhos. Primos. Netos. E daí?

(Iris acena com a cabeça, examinando Zeus.)

IRIS

Preciso ir. (aponta pra bolsa do livro e sorri) Muitos recados.

ZEUS

Claro, claro. Faça seu trabalho. Boa menina.

(Iris sai do palco e Zeus se aproxima de Atena e Dionísio que discutem o valor de um poema.)

--

CENA 2 – IRIS E O TAXISTA

(Luz acende e Iris entra em um táxi.)

IRIS

Opa. Toca pro paraíso.

Pausa.

TAXISTA

Tá. Qual rua do Paraíso?

(Iris dá uma risada.)

IRIS

Ali perto da Abílio.

(Barulho de carro ligando e acelerando, alguns segundos, então Iris quebra o silêncio.)

IRIS

Muito tempo dirigindo?

TAXISTA

Ah, uns 15 anos. Mas as coisas vão mudar.

IRIS

Ah, é? Que bom, que bom.

TAXISTA

E você, moça, faz o que?

IRIS

Ah, um pouco de tudo. Sou mais escritora.

TAXISTA

Ah vai escrever seu nome na história

IRIS

Deus me livre. Prefiro ser obscura.

TAXISTA

Como assim se vc escreve..

IRIS

Não, não eu não entendo essa obsessão da humanidade de entrar para a história. Os verdadeiros heróis nunca entram

TAXISTA

É, você tá falando algo certo. Você fuma um? Tem cara.

IRIS

Já fumei bastante mas foi o suficiente pra encontrar o que precisava.

TAXISTA

É, eu entendo, eu as vezes fumo

IRIS

Na verdade a gente não precisa fumar né. DMT já tá no ar, na comida, em tudo. Eu não entendo o porquê o povo paga pra se fechar no meio da mata e tomar um chá vomitando a vida inteira pra alucinar e buscar respostas. A gente já tem as respostas.

TAXISTA

Aquele Santo Daime? Ah, é uma prática ancestral né, as pessoas querem saber o significado da vida.

IRIS

Há. O significado da vida? Pois não vão encontrar. Os alucinógenos eram usados pelos pajés que sabiam o que estavam fazendo, não um bando de burgueses entediados querendo saber como nasceu ou como vai morrer, eu realmente não entendo. Vai comer uma feijoada e dar uma volta no bairro que você ganha mais

TAXISTA

Pode crer pode crer. Você fala de um jeito..

IRIS

Eu falo de um jeito? É, acho que todo mundo fala de um jeito né.

TAXISTA

Você tá indo pra balada?

IRIS

Balada? Que nada. Minha vida eh parada. Tô indo pro Paraíso mesmo. Tô muito velha pra balada. Acho que sempre fui velha pra balada.

TAXISTA

Há. Você fala como se fosse um alienígena.

IRIS

Ué como você sabe que eu não sou um alienígena entediado visitando os humanos pra me divertir?

(O taxista dá uma risada cética e divertida)

TAXISTA

E qual seria sua mensagem para os humanos?

IRIS (inclinando-se)

Olha, pra todos os humanos eu não sei, mas pra você eu tenho um recado.

(Mais risadas dele)

TAXISTA

Fala, oh alienígena, qual o seu recado?

IRIS

Pedro, filho de Nelson, o que você tem desejo de fazer simplesmente não existe. Foque na sua família por enquanto e quando tiver aquele desejo de novo feche-se e pense. Pense bem para não agir. É proibido proibir mas o plano que você tá orquestrando tá fadado a falhar. Vai dar merda.

(Barulho de freio, o motorista vira pra trás)

TAXISTA

Quem é você? O Menezes te mandou?

IRIS

Quem me mandou não brinca no serviço. O Menezes morre até o fim do mês. Se você seguir com seu plano você é o próximo.

TAXISTA

Mas..

(Tudo fica escuro, luzes piscam, música, e quando a luz volta o motorista tá sozinho no carro.)

--

CENA 3 – A MUSA FALHA

(Cenografia do sofá/casa de Dylan. Show de luzes coloridas e Iris aparece. Hermes está sozinho no sofá fumando e bufando, reclamando. Ela se aproxima.)

IRIS

O que tá acontecendo?

HERMES

Se for recado pra ele o famigerado acabou de sair com guitarra e tudo.

(Iris faz um gesto para que Hermes se levante. Ela dá um abraço nele.)

IRIS

Amigo. Eu tô aqui. O que é que tá acontecendo?

HERMES

Eu não aguento mais ser musa! Mas que caralho!

IRIS

O que foi?

HERMES

É toda hora, Iris! Não dá!

IRIS

Toda hora o que?

HERMES

O amor, as músicas, os poemas e ele nunca.. nunca... encontra!

IRIS (confusa)

Encontra o que?

HERMES

E eu vou lá saber? Poeta procura o que?

IRIS

Bem... uma musa.

HERMES

Pois é, jacaré! Pois saiba que depois de encontrar a busca não para! Eu não aguento mais! E tem outra, eu tô preocupado. Zeus falou que ia me pegar e até agora nada. Vou fugir.

IRIS

Não, não. Não dá. Você trocou. E eu não quero destrocar! De Zeus, cuido eu.

HERMES

Mas isso vai virar uma tragédia! (chega perto dela e sussurra comicamente)
Uma tragédia grega!

IRIS

Cadê ele agora?

HERMES (bufando)

Procurando...

IRIS

O que?!

HERMES

Mas de novo! Já disse! Não sei. Vou embora. Dê o recado a ele!

IRIS

Mas Hermes..

(Hermes sai do palco.)

--

CENA 4 – NOVA IORQUE E AS CARTAS

(Dylan está sentado num banco de praça em Nova Iorque, perto de uma placa do metrô novaiorquino. Participantes do coro vão passando com cartazes com frases em inglês em pedaços de papelão, por exemplo:

“THE END IS NEAR”

“YOU ARE THE CHOSEN ONE”

“JESUS IS BACK”

“FUCK THE PRESIDENT”

Show de luzes coloridas e Iris aparece. Senta-se do lado de Dylan.)

IRIS

O que que é que você tanto busca cara?

DYLAN (cínico)

Mais uma mensageira, é?

IRIS

Me responda. O que você quer?

(Dylan suspira. Leva uns segundos em silêncio, acenando negativamente)

DYLAN

A essência...a fonte... beleza, luar, êxtase, poesia não falada, intimidade com a lua, segredos com o sol! Falhar ao entardecer, o frio da água quente no inverno, o primeiro cigarro da manhã, eu quero tudo! Eu tenho fome! O que eu preciso é morrer!

IRIS

Morrer? Mas que bobagem. Você acha que é na morte que se encontra isso? Se você descreveu, é porque viveu! Não espere sempre a mesma tonalidade, Dylan. Ache outras luas, outras palavras, outros beijos, o que for! Ache a beleza que está em tudo. Olha pra mim! Olha pra você! Viver é o melhor, até na imortalidade incansável de ser! A alma! Você tá procurando sua alma e ela tá bem aqui, eu a vejo! Pare de trocar passos com a solidão esperando que ela te abrace! É tolice! A natureza do escorpião é picar. Picar, meus Deuses! Qual é a sua natureza?

DYLAN

Exatamente! Eu não sei!

IRIS

Respira. Seja. Toque. Respira. Seja. Toque. Você sabe de quem você precisa.
Sem sina de perturbado, sem caô! Chama e ela vem.

DYLAN
Ela? Ela quem?

(Iris se levanta do banquinho)

IRIS
A musa. Cante, Orfeu.

(Transição de apagões e luzes para trocar o cenário para o sofá que era de Iris no começo, na origem, deixando claro que Hermes saiu de Nova Iorque. Show de luzes e Iris está lá.)

HERMES
Não tem tragada, dose ou pílula. Não dá pra escapar de mim.

IRIS
Tenha parcimônia.

(Hermes faz barulho de incredulidade)

IRIS
Tenha parcimônia. Escuta... pra você dar de sua copa, ela tem que transbordar.
Entende?

HERMES
Quê?

(Iris dá uma risadinha sutil, não de zoeira, mas de quem sabe mais)

IRIS
Use as cartas... tenho que ir.

(Ela some e ele levanta e pega o tarot, tirando uma carta.)

HERMES
Dois de copas... e? (tira mais uma) O oito de espadas...

(Ele comicamente se chacoalha.)

HERMES
O OITO DE ESPADAS?! INFERN..! (se joga na cama e luz apaga)

--

CENA 5 – HERA E IRIS

(O pajem, Hera com seu livro, show de luzes e Iris aparece e caminha até Hera)

IRIS

Você me chamou.

HERA

É. Eu terminei o livro. Tá na hora.

IRIS (confusa)

Na hora? De que?

HERA

Sente-se do meu lado e pegue seu o livro. Vamos ensaiar a despedida.

--

CENA 6 – O ARCO-ÍRIS

(Casa de Hermes. Iris está lá do lado dele, conversando.)

HERMES

Mesmo depois de ser divina, você continua... sublime.

(de repente, toca a voz de Dylan e sua melodia melancólica)

IRIS

Ah. É sobre ele, isso tudo. Hermes, será que chove?

HERMES

Que?

(Iris olha pra cima, examinando os céus, como se visse algo que nenhuma outra pessoa consegue ver)

IRIS

É, acho que vem aí uma tempestade. Sorte sua. Sabe, ninguém atravessa uma tempestade sem... mudar.

(Barulho de tempestade, de vento e trovões, a música e a voz de Dylan. Luzes piscam as cores do arco-íris e se concentram no lugar que Hermes está sentado.)

IRIS

Bora.

HERMES

Onde?

IRIS

Oras, seu pote de ouro. Segura firme.

(De repente os participantes do coro coreograficamente começam a trazer tecidos coloridos formando uma grande barreira na forma de um arco íris ou um tecido da cor do arco-íris começa a descer do alto pro palco. Iris indica pra ele ir, atravessar o arco-íris)

IRIS

Vá, meu amigo. Transborde.

*(Transição: coro dança, ruídos, melodia de Dylan
Hermes aparece na casa de Dylan)*

HERMES

Hey gringo. How it going palsy?

(Eles se abraçam com certa ternura e se beijam e os tecidos do arco-íris são enrolados neles pelo coro)

--

CENA 7 – AUDIÊNCIA

(Barulho de tensão, de medo, de angústia. No palco: o trono de Zeus - uma cadeira de praia - com Afrodite e Dionísio e os outros seres mitológicos sentados em cadeiras de plástico. Iris entra por trás, discretamente. Ao lado de Zeus está Hermes, com a boca amordaçada.)

ZEUS

Estamos aqui para julgar a existência desse agora-mortal Hermes.

(Atena aparece com sua espada e a coloca na garganta de Hermes)

ZEUS

A acusação tem a tribuna.

ATENA

Hermes, ex-filho de Zeus, ex-mensageiro dos Deuses, está acusado de fugir de suas responsabilidades e de excessos de sortilégios no mundo dos terrenos.

(Zeus tem uns papéis nas mãos, claramente fingindo que estava levando o 'processo legal' a sério)

ZEUS

Pelo visto, não há defesa representando ele. Devo partir para a execução da sentença?

(Iris se levanta prontamente)

IRIS

Você não vai fazer nada. Eu defendo Hermes.

(Zeus dá uma risada arrogante, tipicamente projetada pra dar medo, o que gera certo murmúrio nos seres sentado.)

ZEUS

E quem seria você pra tentar ser o que for no MEU mundo, MINHAS regras?

IRIS

Você não sabe quem eu conheço.

(DE REPENTE TODOS SE LEVANTAM E JOGAM PAPÉIS E FRUTAS PODRES EM ZEUS E ATENA E FOGEM, LUZES INTERMITENTES, CAOS, CORRERIA. Quando a luz acende Hermes já não está ali. Zeus nota.)

ZEUS

Mas.. como? Como? Sua... sua...

IRIS

Olha o que você fez nesse lugar! O jeito que olha para seus próprios filhos, suas próprias criações, sempre impondo e cobrando o incobrável, a vivência, a

existência, o trejeito e o viver, suprimindo um sistema mesquinho e parasítico, só espalhando medo. Deixa eles em paz! Acabe com isso! Dê liberdade! Você não se cansa de ser você mesmo? O mundo nas mãos... RÁ! É piada!

ZEUS

Sua.. sua insolente! Mestiça! Eu mando!

(Zeus faz um gesto poderoso em cena que faz com que o coro agarre Iris, trovões e mais trovões, tudo e os que sobraram giram, Iris numa dança pelo palco e ela acaba nos pés de... Hera.)

--

CENA 8 - BUFÃO

(No Olimpo, vazio. Batuque, melodia de Dylan, burburinho do Olimpo, canto das Moiras e Zeus aparece rodando, visivelmente confuso como se tivesse bêbado e para num canto do palco. Ele grita mas não tem ninguém ao seu lado.)

ZEUS

O aluguel! Paguem! Vocês tem que pagar!

(Ele parece senil, fora de controle. Iris aparece da escuridão.)

IRIS

Você não entende, né? Você não é Deus. Deus apenas se esconde dentro de você. E você não é o único. Agora, a Deusa, ah A Deusa não se esconde...

(Hera entra apoteoticamente. Confusão, vento, coreografia com atabaque e percussão, todos correndo e gritando e falando coisas pelo palco, o povo do Olimpo e o coro sentam-se numa roda no centro do palco.

Holofotes em Hera enquanto Iris ao seu lado escreve no Livro. Dylan e Hermes fumam e conversam, dando risada, o coro dos outros e as Moiras dividindo garrafas de vinho e jogando baralho, felizes livres, trocando papo fora, as luzes intercalando entre esses espaços do palco enquanto Hera fala, com sua voz grave e empoderada)

HERA (olhando diretamente para a platéia)

Coitado é aquele que pensa que encontrou uma única verdade, uma única identidade. Vejam, o formato do fracasso e da conquista, no final, é o mesmo; E às vezes nem isso é verdade. Digam o que quiser do nosso povo mas nunca, nunca mesmo, se vislumbre ou admire a solidão. Um pai, um filho, uma mãe e seu leite. O vento, o mato, a palavra. Mas que beleza há nos mundos! Divisão? Que bobagem. Poder? Inconsistente e inalcançável. Dar poder aos bufões é hobby, truque, showbizness. A minha ambição é única: *a minha ambição é não ser a única.*

(Tudo fica escuro e iluminamos Zeus com seu paletó, sua miniatura do globo terrestre na mão, usando um chapéu de palhaço com uma língua de sogra boca, sozinho em sua cadeira de praia. As luzes se apagam, exceto nele: ele assopra a língua de sogra, derrotado.)

FIM.